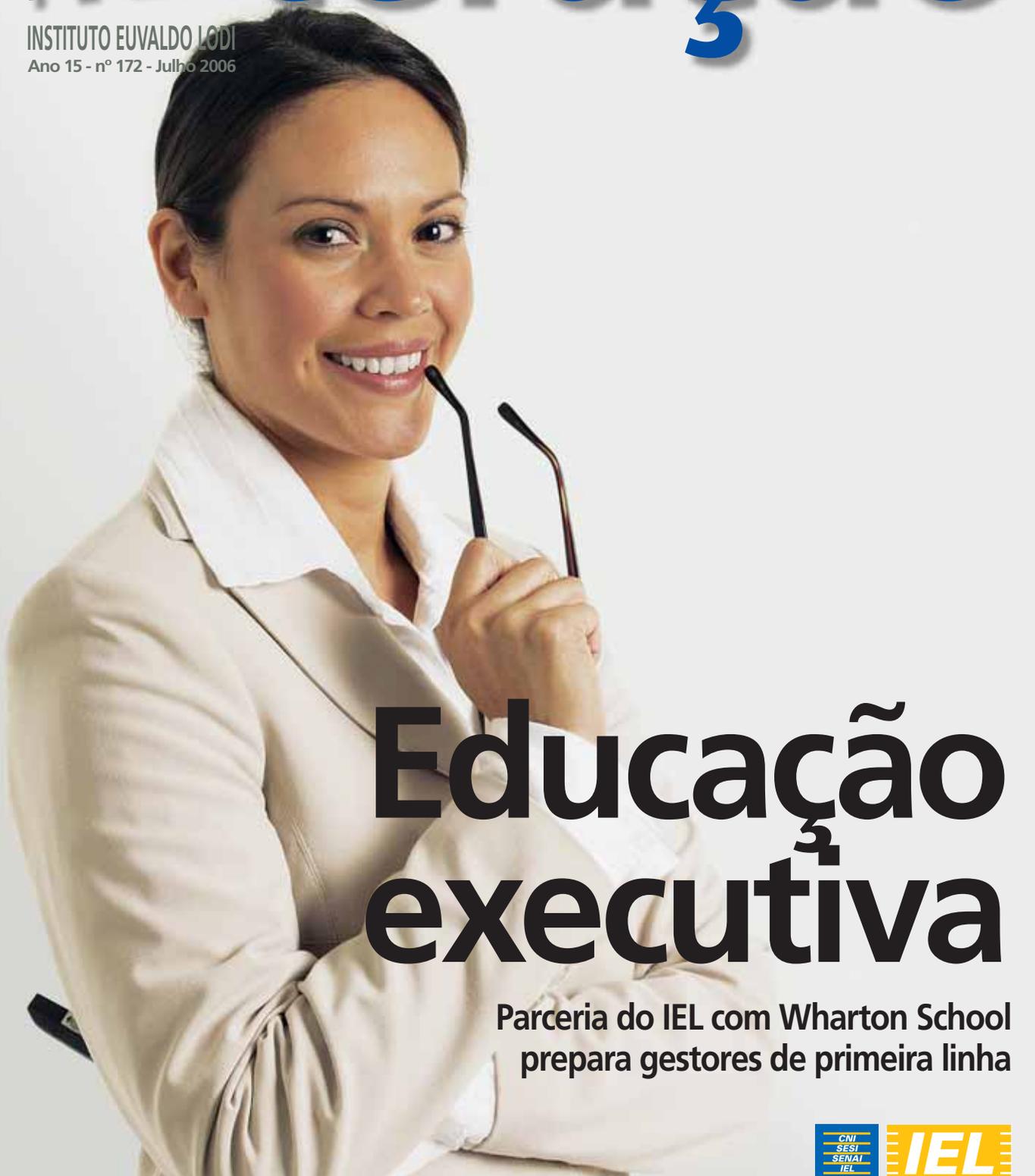


INFORMATIVO

Interação

INSTITUTO EUVALDO LODI
Ano 15 - nº 172 - Julho 2006



Educação executiva

Parceria do IEL com Wharton School
prepara gestores de primeira linha

Sintonia com demandas empresariais

O IEL investe cada vez mais na educação executiva com o lançamento de novos cursos e programas e, sobretudo, com o aprimoramento dos instrumentos utilizados para identificar necessidades das empresas e desenhar soluções específicas para cada caso.

Com o programa para altos executivos brasileiros oferecido em junho na Wharton School, nos Estados Unidos, inauguramos parceria com uma das mais renomadas escolas de negócios do mundo. É uma resposta ao aumento da demanda por esse tipo de iniciativa, evidenciado pelo número crescente de matrículas nos cursos que há cinco anos o IEL oferece no Insead, na França. Para o próximo ano, novos programas estão sendo negociados. Os temas e focos serão decididos a partir de cuidadoso estudo das demandas e expectativas dos dirigentes empresariais.

Ainda dentro dessa estratégia, o IEL está dando suporte à Federação das Indústrias do Espírito Santo para a realização de vários seminários visando multiplicar, entre empresários do Estado, os temas tratados nos



dois programas internacionais. A intenção é criar um núcleo de reflexão sobre soluções que possam ser adotadas para problemas específicos das empresas.

O IEL também avança no diagnóstico das necessidades de capacitação de empresários de micro e pequenas empresas. Com esse objetivo, fortalece sua rede de relacionamento com instituições de ensino superior de todo o País para elaborar programas sob medida e criar soluções específicas para cada região, setor, cadeia ou arranjo produtivo.

Esse é o foco do programa de Capacitação de Pequenos e Micro-empresários que estamos desenvolvendo em parceria com o Sebrae. Em cada Estado, os núcleos regionais do IEL mobilizaram dirigentes de entidades setoriais e de arranjos produtivos para levantar as necessidades mais urgentes em capacitação. A partir desse diagnóstico, o IEL buscou a instituição de ensino superior mais adequada para oferecer cursos, cujos currículos, em alguns casos, foram elaborados com a participação dos próprios empresários.

Uma das metas do projeto, além da capacitação, é ampliar a competência dos núcleos regionais do IEL para prospectar demandas e implementar iniciativas customizadas. A participação ativa dos empresários nesse processo contribui para aumentar sua capacidade de compreender os próprios problemas e encontrar soluções para eles.



Carlos Cavalcante
Superintendente do IEL

interação

Publicação mensal editada pela
**Unidade de Comunicação Social
do Sistema Indústria (Unicom)**
Instituto Euvaldo Lodi (IEL)
Diretor-geral: Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Superintendente: Carlos Cavalcante
Coordenador da UNICOM: Edgar Lisboa

Gerente de Jornalismo: Izabel Machado
Editor: Edson Chaves Filho
Subeditor: Roberto Almeida
Reportagem: Luciana de Oliveira Bezerra,
Maria José Rodrigues e Simone Mateos
Projeto e produção gráfica: textodesign
Foto da capa: liquidlibrary

SBN, Quadra 1, Bloco B, lote 24
Edifício Confederação Nacional do Comércio
9º andar, CEP 70041-902, Brasília (DF)
Telefone: (61) 3317-9080
Fax: (61) 3317-9360
www.iel.org.br

Como o mercado quer

Com muitas novidades, programa do IEL agrada empresários e gera aumento do número de estagiários contratados no Paraná

Até o ano passado, selecionar estagiários era um problema para Dari Beck, gerente industrial da fábrica de móveis Flexiv. Ele levava horas entrevistando de 10 a 20 candidatos, às vezes mais de uma vez. Mesmo assim, feita a escolha, muitos não se adaptavam e desistiam. Com a reformulação do *Programa de Estágios* do IEL Paraná, há sete meses, as dificuldades de Beck acabaram.

“Hoje, o IEL faz uma pré-seleção, me envia só candidatos com perfil adequado junto com um relatório da avaliação, o que torna minhas entrevistas mais objetivas. Os estagiários que recebi desse jeito estão aqui até hoje e pretendo contratar todos”, conta Beck.

A mudança é resultado de uma ampla reformulação do *Programa de Estágios* do IEL Paraná iniciada em 2005 e consolidada neste ano. Em vez de se limitar a manter um banco de currículos de estudantes e encaminhar às empresas aqueles com formação na área solicitada, o IEL desenvolveu estratégias criteriosas de seleção, com quatro níveis de filtragem. Cada empresa contrata a seleção que considerar adequada.

O primeiro nível é a seleção de currículos. O segundo inclui uma avaliação do desempenho do candidato em grupo, a partir de uma entrevista coletiva e uma dinâmica na qual os candidatos têm de colaborar uns com os outros. No nível três são realizadas entrevista individual e testes de conhecimentos, de raciocínio lógico e

de habilidade verbal. No quarto nível são aplicados testes específicos para as necessidades da empresa.

DEMANDAS

“Quando as empresas observam os resultados, tendem a ampliar as oportunidades de vagas para os estagiários”, conta Pedro Andriolli, coordenador de Estágio e Novos Talentos do IEL-PR. O contato mais estreito com as empresas permitiu também identificar novas demandas, como a necessidade de um mapeamento de pessoas com necessidades especiais (PNEs) em todas as instituições de ensino do Estado.

Segundo Andriolli, as empresas estão abertas à contratação de

PNEs. Argumentam, porém, que é difícil encontrar candidatos com qualificação. “Por intermédio do *Programa Estágio Inclusivo* do IEL, as empresas podem encontrar talentos e complementar sua formação”, afirma.

As novidades introduzidas pelo IEL Paraná contemplam o estágio para pós-graduandos, que coloca alunos de especialização, mestrado e doutorado para desenvolver projetos dentro de indústrias, e o estágio internacional, que traz universitários de outros países para empresas brasileiras. Junto com a diversificação dos produtos na área de Estágio, o IEL Paraná criou cinco unidades de atendimento no interior.



IEL Paraná: pré-seleção dos candidatos e relatório de avaliação

Propriedade intelectual

Moeda da nova economia

Feijão integral instantâneo, plástico biodegradável feito com amido de milho e mais 189 inovações levaram a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, ao topo do *ranking* de pedidos de patentes no Brasil entre 1999 e 2003, de acordo com a pesquisa do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) divulgada em maio. A Petrobras registrou 177 pedidos e há mais de duas décadas vinha sendo a primeira colocada na classificação. A pesquisa também revelou que, entre

os 20 primeiros da relação, 13 são do setor público.

Levantamentos como o do INPI ou da Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (Pintec), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram como ainda é modesta a participação brasileira no registro de patentes. Em 2005, foram apenas 283 registros no sistema do Tratado de Cooperação de Patentes, segundo a Organização Mundial de Propriedade Intelectual (Ompi). No mesmo período, a Co-

reia do Sul fez 4,7 mil solicitações, seguida pela China, com 2,4 mil, e Índia, com 648. Os países com maior número de pedidos foram Estados Unidos, Alemanha, Japão, Grã-Bretanha e França.

Esses números revelam que a discussão sobre propriedade intelectual no Brasil está atrasada se comparada aos Estados Unidos e Coreia do Sul. “Nesses países, cerca de 70% das inovações e pesquisas patenteadas são de iniciativa privada e 30% de pública. No Brasil, ocorre o inverso”,

DIVULGAÇÃO



Leonardos: no Brasil é muito difícil requerer uma patente

informa Gustavo Leonardos, presidente da Associação Brasileira da Propriedade Intelectual (ABPI).

Para mudar esse quadro, Raul Hey, presidente da Associação Brasileira dos Agentes da Propriedade Industrial (Abapi), diz que é preciso valorizar a propriedade industrial. Para isso, ele sugere a criação de um canal permanente entre empresários e pesquisadores. No Brasil, nem 10% dos 124 mil profissionais da comunidade científica estão a serviço do setor produtivo. “É preciso fazer a universidade interagir com a indústria e vice-versa”, afirma.

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual define propriedade intelectual (PI) como a soma dos direitos relativos à atividade intelectual nos domínios industrial, científico, literário e artístico. Ela abrange a propriedade industrial (patentes, marcas, desenho industrial, indicações geográficas e proteção de cultivares) e o direito autoral (obras literárias e artísticas, programas de computador, domínios na internet e cultura imaterial).

Na opinião de Diana Jungmann, PhD em Biotecnologia e gerente de Inovação do IEL, a propriedade intelectual passou a ser a moeda da nova economia e está baseada no conhecimento e na criatividade. Ela acredita que a PI será determinante nas relações internacionais. Diana inventou um equipamento para laboratórios de biotecnologia, patenteado nos Estados Unidos e comercializado em vários países por uma indústria britânica há mais de dez anos. Nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, alguns institutos



de propriedade industrial são considerados como o “banco central” da nova economia, comenta Diana. “Eles desempenham o papel de cofres-fortes da economia criativa”, diz, acrescentando que a taxa de inovação de uma nação pode ser estimada pelo número de patentes que ela apresenta.

MAPA ESTRATÉGICO

O Brasil, no entanto, ainda está distante dessa realidade. Segundo dados de 2004 da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), o País ocupa a 28ª posição no *ranking* mundial de concessão de patentes. Das patentes requeridas ao INPI, 82,2% são de empresas estrangeiras. A gerente de Inovação do IEL destaca que é importante criar e utilizar o acervo intelectual das organizações. “Novos produtos e processos aparecem com velocidade cada vez maior. Esse movimento inovador pode contribuir

para a geração de riquezas e melhoria da qualidade de vida das nações.”

Apesar dos avanços introduzidos pela Lei de Propriedade Intelectual, de 1996, e pela Lei de Inovação Tecnológica, de 2005, o País precisa aperfeiçoar a legislação nessa área. Na avaliação de Leonardos, da ABPI, uma política de propriedade industrial deve estimular os investimentos em pesquisa e criar regras mais flexíveis para concessão de patentes. “Em agosto, a ABPI vai fazer um seminário internacional para debater a concessão de patentes nos Estados Unidos e no Brasil. Naquele país, os critérios são

mais amplos. No Brasil, o processo é mais lento, e pode demorar até nove anos”, afirma.

O Mapa Estratégico da Indústria, do Sistema Indústria, que estabelece metas e projetos para o Brasil de 2007 a 2015, ressalta que o crescimento econômico também depende da criação de ambientes institucionais que promovam a PI. O IEL desenvolve ações que mostram a importância da PI como estratégia de negócios. Exemplo dessa atuação vem do Núcleo de Propriedade Intelectual de Biotecnologia, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com parceria do IEL-MG, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e da Fundação Biominas. O IEL Nacional assessora a implantação do Núcleo, que contribui para criar e difundir uma cultura, em que a PI seja utilizada como ferramenta de competitividade na área de biotecnologia.



A força da indústria brasileira no mercado internacional

O Sistema Indústria e a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial – ONUDI unem esforços para a promoção da competitividade internacional de empresas brasileiras e européias.

Com a Plataforma Brasil-Europa, são realizados projetos de promoção comercial, parcerias industriais, investimentos, prospecção de mercado e transferências de tecnologias estratégicas.

Faça parte dessa Plataforma de oportunidades!

Mais informações:
www.iel.org.br
plataforma@iel.cni.org.br

Mais opções para empresários

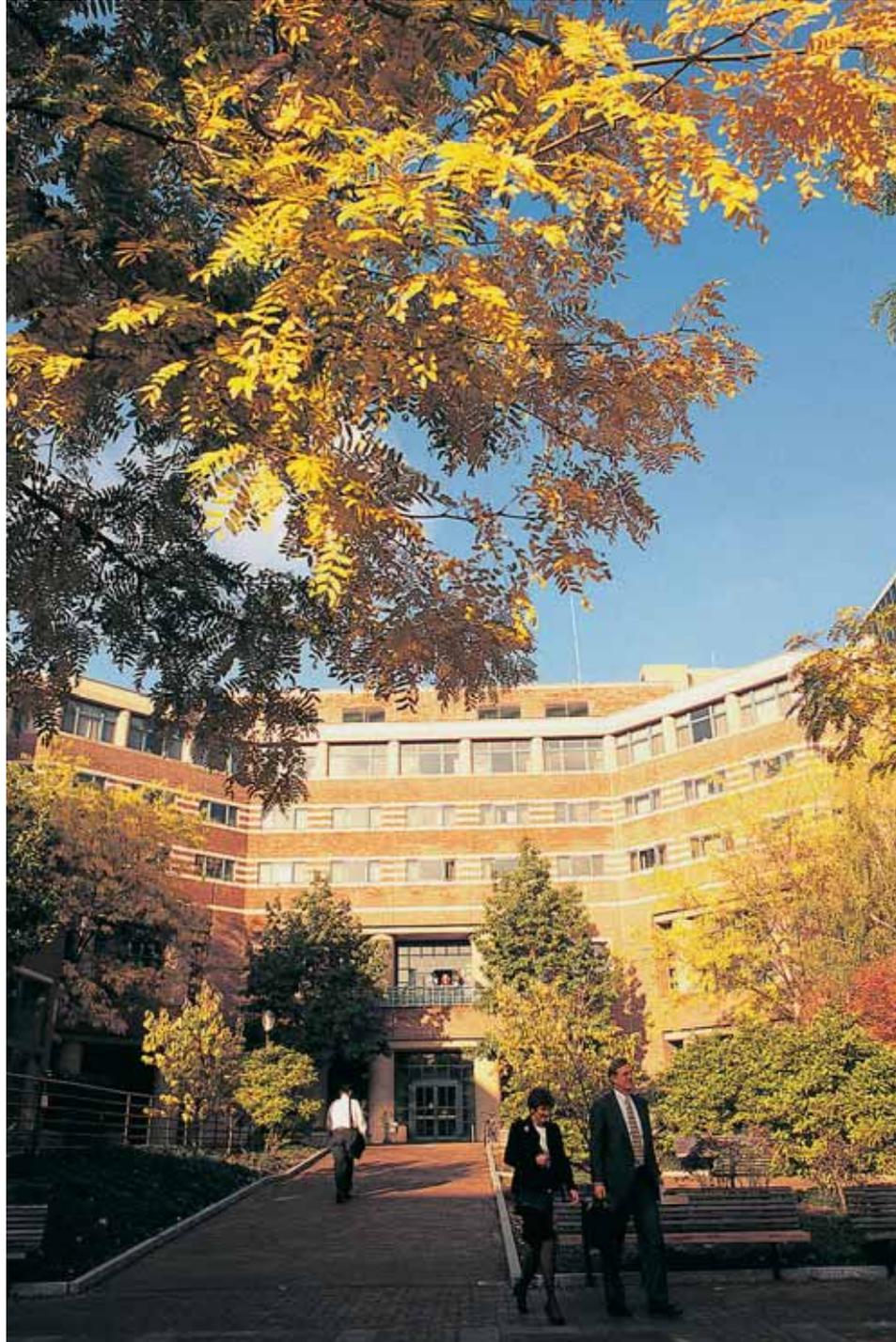
IEL faz novas parcerias com importantes escolas de negócios internacionais

DIVULGAÇÃO

Humberto Zica, diretor comercial da Delp Engenharia, uma das maiores fábricas de bens de capital sob encomenda do País, está reformulando vários aspectos do planejamento estratégico da empresa, em função de conceitos e exemplos práticos analisados durante o curso Estratégia e Inovação nos Negócios, ministrado, entre 19 e 23 de junho, na Universidade da Pensilvânia (EUA) pela Wharton School (à direita, foto do *campus*). Com ele estava um grupo de 43 executivos de grandes e médias empresas brasileiras.

“O curso lançou novas luzes nas discussões sobre planejamento estratégico que estavam em andamento”, afirma Zica, que voltou da Wharton preocupado em como tornar o planejamento compreensível para toda a empresa. “Passei a encarar por ângulos novos muitos problemas da empresa. Percebi que às vezes a preocupação com as partes faz perder a visão de conjunto e comecei a pensar cenários futuros numa perspectiva muito mais ampla.”

O entusiasmo do empresário é tão grande que ele está decidido a fazer o programa do European Institute of Business Administration (Insead) no ano que vem e a enviar outro executivo da Delp para Wharton. “Para quem quer competir no mercado global, é indispensável se reciclar regularmente num curso desses”, atesta, expressando opinião generalizada entre os participantes





Sala de aula: programa exclusivo para grupo de 43 executivos brasileiros

do curso que, em sua maioria, planejam repetir a experiência.

O programa que entusiasmou Zica inaugurou a parceria do IEL com a Wharton School, depois de cinco anos de sucesso com programas similares feitos em parceria com o Insead, que já atenderam duas centenas de executivos brasileiros. Assim, respondendo à demanda crescente, o IEL oferece neste ano dois cursos internacionais voltados para altos executivos, ambos com tradução simultânea e com versão em português de todos os textos.

A sexta edição do programa do Insead terá lugar entre 28/08 e 02/09 e incluirá temas como liderança, *marketing* e *branding* (desenvolvimento de marcas), estratégia, tecnologia da informação, inovação e criação

de valor, o desafio de competir na economia do conhecimento, análise política internacional, localização de investimentos e estratégia corporativa, além de finanças e gestão de operações e serviços.

EXPERIÊNCIA

“Curto em extensão, mas muito rico em novos métodos e conteúdo, o programa do Insead é superior no gênero”, avalia Raquel Gambarra, gerente corporativa da Amil, que participou do curso em 2005, frisando que opina com a autoridade de quem vem de uma empresa que investe muito em educação corporativa de alto nível.

Márcio Barbosa, diretor executivo da CTIS Informática, uma das maiores empresas nacionais na área (3 mil

colaboradores e R\$ 315 milhões de faturamento), faz um balanço igualmente excepcional do programa da Wharton deste ano: “Eu já tinha feito no Brasil um curso de vários meses sobre os mesmos temas, mas não há comparação. Os professores da Wharton foram agentes ativos de processos de grandes mudanças na gestão de empresas do porte da Fedex, da UPS, da Bell. Falam baseados na experiência e não em leitura. Eles escrevem os livros que as outras escolas usam”.

A partir das ferramentas adquiridas na Wharton, Barbosa está repensando o plano de negócio de um novo produto em desenvolvimento na CTIS. “As discussões e os exemplos práticos sobre os riscos de se querer conquistar um mercado

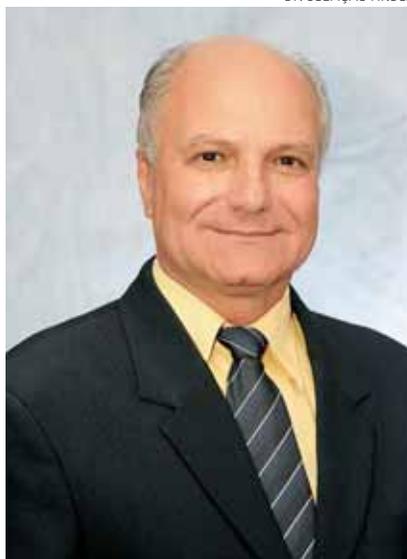
grande demais, sobre a necessidade de se especializar num segmento e buscar ser o melhor nesse nicho de mercado foram muito ricos e instrutivos”, diz o executivo da empresa, que todo ano manda um diretor para os cursos internacionais promovidos pelo IEL. “Depois fazemos uma discussão interna para compartilhar os conhecimentos”, salienta, descrevendo uma iniciativa comum nas empresas que participam do curso.

A Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes), aliás, que enviou um diretor para Wharton e encaminhará outro para o Insead, planeja traçar um programa de palestras bimestrais temáticas para difundir parte dos conhecimentos trazidos entre as empresas de médio porte do Estado. “Há muita carência disso entre os empresários de médio porte”, diz Sérgio Rogério de Castro, diretor da Findes, que já mobilizou uma dezena de empresas para os debates.

SUPERIOR AO MBA

Hélio Biagi, superintendente executivo do Bradesco, não sabe se gostou mais do conteúdo do curso ou da rede de contatos que estabeleceu na Wharton. “É muito rico ouvir de quem viveu de dentro a narrativa das experiências de sucesso e insucesso na gestão de empresas como a General Motors, a General Electric ou a Toyota, podendo debater com eles os erros e acertos de cada caso”, diz Biagi, declarando-se candidato a outros programas que o IEL possa criar com foco em finanças ou direito.

Ele voltou dos EUA com uma agenda de reuniões em Brasília e no Espírito Santo para discutir o mercado das médias empresas com executivos.



Castro: agenda de palestras promovida pela Findes, no Espírito Santo

“Essa é minha área no Bradesco. A intenção é conhecer mais as necessidades das médias empresas para ver como poderíamos atendê-las.”

A despeito de já ter cursado MBA no Brasil e programas em escolas de negócios do Uruguai, da Argentina e mesmo dos Estados Unidos, Fernando Itzaima, diretor vice-presidente da Farmoquímica S/A, também faz

um balanço entusiasta de sua experiência na Wharton: “O nível dos professores é excelente e a oportunidade de assimilar conhecimento globalizado de primeira linha, refletindo com empresários brasileiros de várias áreas sobre como aplicar esses conhecimentos na nossa realidade, é uma experiência riquíssima”, avalia ele, elogiando a dinâmica participativa do curso. “Ali percebi também que muitas ferramentas de gestão e de avaliação de projetos, que eu não aplicava porque achava complicadas, podem ser implementadas de forma simples”, acrescenta Itzaima.

Mergulhado em outra área intensamente inovadora, Ruy Baumer, presidente da Baumer S/A, que fabrica biomateriais e equipamentos hospitalares, focou-se, sobretudo, nas aulas sobre gestão da inovação. “Já estou tentando implantar algumas das ferramentas para essa área apresentadas lá. Muitas empresas desistem de projetos assim que calculam seu custo total. Vimos como, para não perder oportunidades, é essencial fazer análises parceladas,



Pensilvânia: vista aérea do campus da Wharton School

investir e reavaliar os riscos a cada etapa, usando ferramentas que analisam as incertezas a partir de informações atuais sobre o mercado e a evolução das tecnologias, para decidir continuamente quais projetos merecem mais empenho e quais devem ser abandonados, re-direcionados ou ficar em compasso de espera”, conta Baumer.

Ele se queixa, porém, de que a capacitação deixa um gosto de “quero mais”. “O curso é excelente porque abre muitos novos horizontes de possibilidades, mas, para explorá-los, preciso de mais informações, talvez alguma assessoria ou continuar a troca de idéias com os próprios professores da escola.”

Justamente para responder a essa inquietude, comum praticamente a todos os participantes, tanto dos cursos da Wharton quanto das várias edições dos programas do Insead, o IEL trabalha em algumas frentes. De um lado, está negociando com outras

escolas de negócios de primeira linha no mundo a possibilidade de lançar novas opções de cursos de educação executiva no exterior, com focos específicos ou generalistas.

As negociações estão avançadas e é provável que novos programas sejam lançados no ano que vem. Os temas dos cursos serão decididos por meio de pesquisa entre executivos que participaram dos programas anteriores, mas o superintendente do IEL Nacional, Carlos Cavalcante, adianta que entre os mais prováveis estão *marketing* e inovação, estratégia e liderança.

Ao mesmo tempo, o IEL estuda a possibilidade de promover no Brasil seminários de curta duração com professores da Wharton e do Insead. “Os eventos teriam conteúdo focado em um único tema e custos menores, o que facilitaria a participação de um número maior de executivos e o aprofundamento das discussões”, explica Cavalcante.

Capacitação para executivos de micro e pequenas empresas

Contratada há cinco meses para estruturar a área de recursos humanos da Mafibra, fábrica de artigos de fibra de vidro de São Luís, no Maranhão, Darlene Paiva não sabia por onde começar. Graduada e pós-graduada em literatura, para enfrentar os novos desafios, ela contava somente com seu bom senso. O resto veio com as 90 horas de capacitação em *Gestão de Pessoas*, oferecida pela parceria do IEL com o Sebrae.

Com o curso, Darlene pôde criar e implantar treinamento inicial e continuado para os 35 funcionários da empresa e para a alfabetização dos dez colaboradores que não tinham nenhuma escolaridade, além dos programas *Qualidade de Vida no Trabalho* e *Funcionário do Mês*, este último para medir os avanços de cada um em direção às melhorias propostas pela empresa.

“O curso foi um subsídio imprescindível porque me deu embasamento teórico e espaço para discutir como aplicar a teoria na realidade da minha empresa. É gratificante ver como a produtividade e o ambiente de trabalho melhoraram”, conta Darlene, que está decidida a não parar: “Fiz outro curso do IEL, de *Introdução à Gestão da Qualidade*”. Darlene é uma das beneficiadas pelo *Programa de Capacitação Empresarial de Micro e Pequenas Empresas*, empreendido em parceria pelo IEL e pelo Sebrae, em colaboração com instituições de ensino superior. Na



DIVULGAÇÃO

Metodologia e conteúdo: o curso foi considerado superior ao MBA

segunda edição da iniciativa, a meta inicial era capacitar 1,7 mil empresários e executivos em todo o País, oferecendo 11,5 mil horas de cursos, ao longo de 2006 e início de 2007. O programa já matriculou cerca de 1,9 mil empresários de 23 Estados em 60 cursos. Até julho, Maranhão, Roraima e Santa Catarina tinham concluído os primeiros cursos. Os cursos aprovados envolvem parcerias com 33 instituições de ensino superior, sendo 12 universidades públicas, três escolas de nível superior do SENAI e as universidades corporativas dos núcleos regionais do IEL Paraíba e Paraná. Cada Estado tem direito a 360 horas de capacitação, que podem ser destinadas a um só curso ou divididas em vários de 90 e/ou 180 horas.

Além disso, o programa previa dez cursos de 180 horas, que devem ser dirigidos a arranjos produtivos locais (APLs) ou cadeias produtivas, meta que foi superada, com 12 cursos já programados, sendo metade deles em confecções e mais de um nos setores cerâmico, de construção e de tecnologia da informação.

“A parceria com o IEL é essencial, pois o Sebrae não oferece capacitação de longa duração, e pequenos e microempresários muitas vezes precisam desses cursos mais aprofundados para superar gargalos e decolar”, destaca Maria del Carmen Stepanenko, responsável pelo programa no Sebrae. Ela lembra que, após a edição anterior do programa, diretores regionais do Sebrae ligavam para saber quando haveria novos cursos. “A demanda é grande.”

O Sebrae subsidia boa parte do programa e, em alguns Estados, ajuda a arrematar os empresários. Aos núcleos regionais do IEL cabe identificar, conjuntamente com os empresários,



APL de confecção: linha de produção da Latreille Jeans

quais os temas prioritários para a capacitação e buscar as instituições de ensino que vão elaborar, junto com o IEL, cursos sob medida.

De fato, o programa começou com esta ótica: foi lançado, em junho do ano passado, em Curitiba, em seminário que reuniu, além dos gestores regionais do programa, um empresário de cada Estado. Juntos, eles debateram e indicaram quais os temas de maior interesse: empreendedorismo, gestão de pequenas e microempresas (com focos específicos em finanças, logística, *marketing* e liderança) e associativismo/corporativismo. A metodologia participativa na construção dos programas garante a qualidade dos resultados. O Paraná foi um dos que investiram pesado em desenhar os conteúdos junto com empresários locais. No APL de confecção de Francisco Beltrão, por exemplo, toda a governança participou ativamente da discussão dos conteúdos.

“No planejamento estratégico do APL, os empresários indicaram em quais áreas sentiam necessidade de capacitação. Junto com eles, adaptamos os conteúdos propostos pela universidade”, explica Solange Steim, diretora-executiva do Sindicato do Vestuário do Sudoeste do Paraná (Sinvespar) e empresária do APL. Ela acredita que, com isso, o programa de capacitação deverá cobrir 100% das demandas do APL e em prazo bem menor que o previsto. “Se tivéssemos que buscar cursos para cada um dos temas, levaríamos dois anos para cumprir o programa”, frisa Solange. A parceria IEL-Sebrae para a capacitação de empresários inclui ainda a realização de pesquisas para a avaliação dos resultados – impactos e causas da evasão – das duas edições do programa, para as quais foi contratada a empresa de pesquisas Data, da Universidade de Brasília (UnB). Os resultados vão nortear as próximas ações.

Pequenas mais competitivas

Programa aprovado por espanhóis quer conquistar parceiros e investimentos

LIQUIDLIBRARY

Há mais de um ano em atividade, a Plataforma Brasil-Europa conquista novos mercados além da França, onde ocorreu o projeto piloto da iniciativa. A ação do Sistema Indústria para a geração de projetos de promoção da competitividade das pequenas e médias empresas brasileiras no mercado externo atraiu a Espanha e pretende se aproximar dos Países Baixos com dois projetos. Lançado no ano passado pelo IEL e pelo Instituto Espanhol de Comércio Exterior (Icex), o Programa para a Identificação de Iniciativas de Investimento e Cooperação Empresarial no Brasil e na Espanha (Pidinver) está em sua segunda etapa, com um consórcio de representantes dos dois países avaliando projetos de empresas nacionais aptos a fechar parceria com entidades espanholas.

IMPULSO

Segundo Thiago Lima, analista de Desenvolvimento Industrial do IEL Nacional, 52 empresas de diferentes setores da indústria participam dessa fase.

Ele acredita que os projetos de pelo menos 80% delas sejam aprovados e passem para o terceiro momento, que chamou de “casamento entre brasileiros e espanhóis”. “Vamos fazer um *meeting* entre agosto e outubro na Espanha para fechar as parcerias”, explica.

As três etapas contam com apoio do AL-Invest, um programa da Comissão Europeia para impulsionar a cooperação econômica e tecnológica entre empresas europeias e latino-americanas por meio de investimentos e fluxo comercial entre as regiões. O IEL é um dos operadores do programa na América Latina.

Para divulgar o Pidinver, IEL e Icex recorreram aos Centros Internacionais de Negócio do Sistema Indústria e às associações empresariais e promoveram seminários em Belo Horizonte, Brasília e São Paulo no primeiro semestre deste ano. A receptividade, segundo Lima, superou as melhores expectativas. “Em São Paulo, por exemplo, tivemos mais de 240 empresas inscritas.”

O programa recebeu 84 propostas de indústrias nacionais interessadas em fechar parcerias na Espanha. Desse número, 32 foram desconsideradas por não fornecerem informações precisas e não apresentarem projetos “puramente comerciais”. “O objetivo é fazer parcerias comerciais, promover transferência de tecnologia e produção conjunta para exportação”, esclarece Lima.

DIVULGAÇÃO



Rótulos de purê de maçã e de mix de maçã com especiarias da Phytofruit Dietary

PARCERIAS DURADOURAS

De 1º de julho deste ano a maio de 2007, dez pequenas e médias empresas receberão assistência personalizada do IEL na busca de sócios na Europa para desenvolver um plano de negócios em conjunto. Elas participam da Ferramenta para o Desenvolvimento de Negócios (FDN), cujos propósitos são gerar negócios a curto e médio prazos e possibilitar parcerias duradouras entre empresas brasileiras e européias.

As representantes nacionais foram escolhidas entre as mais de 50 empresas envolvidas em outras ações do AL-Invest no País ou que integram a carteira de projetos da Plataforma Brasil-Europa. O analista do IEL explica que o processo de seleção obedeceu a dois critérios: a importância estratégica que representam para a economia brasileira e o desempenho que apresentavam em rodadas de negócios organizadas pelo Instituto.

A assessoria envolve uma série de ações. Entre elas, refinamento do perfil das empresas, levantamento de interesses do país-alvo, preparação do material de divulgação, identificação de parceiros por meio de colaboradores europeus e intermediação de negócios. “Nós estamos presentes em todos os momentos.

Se for preciso fazer visitas técnicas a potenciais parceiros, faremos isso”, afirma Lima.

A expectativa de negócio das participantes durante o período do programa soma pouco mais de 500 mil euros. A identificação de potenciais sócios é facilitada por alguns parceiros do IEL na Europa, como a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Onudi), com sede na França; o EuroBras Trading, da Holanda; e a Câmara de Comércio de Madri, da Espanha.

Sandra Hanszmann, proprietária da Phytofruit Dietary Supplement, do Paraná, pretende conquistar a França, mercado escolhido por ela, oferecendo uma linha de alimentos formada por composto de frutas e fibras, *mix* de maçã de ervas e especiarias, purês de frutas e geléias. “Elegi a França por ser uma referência mundial e por receber mais de 60 milhões de visitantes por ano. É uma excelente vitrine”, afirma ela.

Sobre o programa, Sandra diz que qualquer tentativa de auxiliar as empresas nacionais a entrar no



Sandra: a França é uma excelente vitrine

mercado internacional deve ser reconhecida. “É muito difícil colocar nossos produtos fora do Brasil. Estou muito contente.”

Com um linha diversificada de produtos à base de soja, a goiana SóSoja do Brasil ingressa no competitivo comércio internacional por meio da FDN. A porta de entrada eleita pela empresa é a Holanda. “A soja não é tão aceita no Brasil como no mercado estrangeiro”, diz Aurélio Oliveira, gerente comercial da empresa. “Aqui é muito difícil popularizar esse produto. Por isso, buscamos clientes europeus.”

Intercâmbio na Europa

O IEL seleciona e prepara quatro funcionários para participar de intercâmbios na França, Itália, Inglaterra e Alemanha. A tarefa é trazer informações que contribuam para a atuação do Instituto no Brasil. Por enquanto, já foram escolhidos dois para uma visita de três semanas à Itália e à França.

A iniciativa é apoiada pelo AL-Invest, que vai possibilitar também a vinda de um especialista italiano ainda neste ano para troca de experiências sobre arranjos produtivos locais (APLs), chamados de distritos industriais na Itália.

Encontro de APLs



Empresários de 400 indústrias dos pólos produtivos do Paraná reuniram-se nos dias 12 e 13 de julho, em Curitiba (foto), no 1º Encontro dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) do Estado. Os representantes dos 12 APLs paranaenses assistidos pelo IEL e pelo SENAI-PR puderam trocar experiências e ver resultados das ações realizadas em arranjos produtivos. O especialista italiano Bruno Frigero abriu o encontro relatando experiências dos distritos industriais na Itália.

Ele é consultor do IEL Nacional no projeto de internacionalização de APLs brasileiros. O APL de derivados da mandioca, de Paranavaí, apresentou os bons resultados alcançados graças ao Programa de Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec), desenvolvido em 2005 pelo IEL, Sebrae, CNPq e SENAI. O encontro foi organizado pelo Sistema Federação das Indústrias e governo do Estado, e realizado pela Rede APL Paraná.

Curso para pregoeiro

O IEL Acre formou no mês passado 25 pregoeiros de empresas públicas e privadas. O objetivo principal foi dar maior transparência e agilidade às compras, minimizando custos e propondo

inovações salutares aos procedimentos licitatórios. O pregão é uma forma de licitação para aquisição de bens e serviços feita por meio de propostas escritas e lances verbais em sessões públicas.

Bitec aprovado

O IEL apresentou no mês passado pesquisa de avaliação do Programa de Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec). Entre as 503 empresas ouvidas, 88,7% aprovaram a adequação da orientação prestada pelo professor ao plano de trabalho. Além disso, 92% consideraram positiva a atuação do bolsista. Entre os 503 alunos entrevistados, 98,86% disseram que o programa contribuiu para a sua formação acadêmica. E 88% afirmaram que o Bitec ajudou a prepará-los para o mercado de trabalho.

Os professores também aprovaram o projeto: 90,3% deles responderam que o Bitec é um mecanismo eficiente para a cooperação universidade-empresa. Em 2007, o IEL pretende aumentar o tempo do estágio em mais um semestre, totalizando um ano, além de elevar o número de bolsas oferecidas, que hoje está em torno de 500. O programa conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e do SENAI.

Saúde e segurança

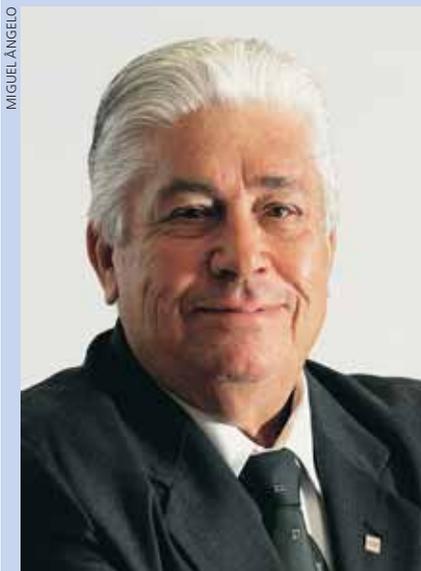
O IEL e o SESI Ceará oferecem capacitação e consultoria em Saúde e Segurança no Trabalho a pequenas e microempresas do Estado. No programa, gestores recebem noções de boas práticas de prevenção de doenças ocupacionais e de acidentes de trabalho. Até agora, 131 empresas aderiram ao programa. A iniciativa é fruto de parceria, em âmbito nacional, entre SESI e Sebrae.

Bolsas educacionais – Estão abertas até 10 de agosto as inscrições para o Programa de Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec). Alunos universitários e micro e pequenos empresários interessados em desenvolver projetos de suporte à inovação ou de aperfeiçoamento da gestão empresarial podem se inscrever no programa e concorrer às 500 bolsas que serão oferecidas em todo o Brasil. Para tanto basta entrar em contato com o núcleo do IEL no seu Estado. Mais informações: www.iel.org.br

Feira Promadeira – A cidade de Sinop, em Mato Grosso, será a sede da Promadeira 2006, uma das maiores feiras sobre madeira tropical do País. O evento, que será realizado de 24 a 27 de agosto, é organizado pela Federação das Indústrias do Estado (Fiemt), pela CNI, pelo Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad) e pelo governo estadual. Na edição deste ano, a feira terá uma rodada internacional de negócios e o Encontro Empresarial, que aproximarão empresários mato-grossenses e de outros países. Informações: (65) 3611-1643.

Negócios e meio ambiente – Empresas interessadas em negócios no setor socioambiental podem participar, de 28 de novembro a 1º de dezembro, em Lyon, na França, do Salão Pollutec 2006. Trata-se de um dos maiores salões mundiais de equipamentos, tecnologias e serviços voltados para o setor. No evento, serão realizados seminários, *workshops*, rodadas de negócios e visitas técnicas. Informações: (62) 3285-5122.

Capacitação em alto nível



A oportunidade que o IEL Nacional proporciona a empresários e executivos, de participar de cursos, reciclagem e aprendizado em consagradas universidades no exterior, é o que de melhor se oferece nesta área no País. Conviver diuturnamente durante certo período com lideranças empresariais de áreas diferentes permite que, ao fazer uma auto-análise, tenhamos a certeza de que o nosso rumo está sendo correto ou se necessitamos de algum redirecionamento.

A volta aos bancos escolares. Uma semana de dedicação e concentração nas matérias apresentadas e discutidas por mestres e doutores, os mais preparados, em assuntos todos eles de nosso maior interesse.

A universidade que nos recepciona (Insead ou Wharton) na chegada já nos causa um impacto pelos seus *campi* arborizados, construções majestosas e sabiamente conservadas, salas de aula que são verdadeiros

auditórios dotados de todos os recursos atuais, conforto para os que delas se utilizam e disciplina e organização em todas as ações. Os cursos são ministrados com tradução simultânea para o português, uma experiência que inicialmente suscitava dúvidas quanto ao seu uso e que hoje é reconhecida e consagrada pelas universidades; a participação nos debates foi a confirmação de que pouco ou nada se perde na tradução.

O corpo de professores é formado pelos mesmos que ministram os cursos de longa duração de Mestrado e Doutorado da Universidade, compactando suas apresentações sem que haja perda da qualidade. Todos os apresentadores são conhecedores das suas matérias e o interesse maior é a interação com as nossas experiências.

Afastados das nossas áreas de negócios podemos pensar sobre nós mesmos. A grandiosidade das universidades, especialmente as americanas, vem das doações individuais feitas por pessoas físicas, que geram créditos tributários que podem ser deduzidos do imposto a pagar. É o contrário do que ocorre no Brasil, onde não existem incentivos fiscais às pessoas que queiram fazer doações. Não seria esse o momento exato para iniciarmos uma campanha em favor das universidades? O pior dos erros é o que deixamos de fazer quando devíamos ter feito. Insead ou Wharton? As duas valem a pena. Falo de cadeira.

Alfredo Fernandes
Presidente da FiemS

Educação Executiva IEL: Gestão Estratégica para Dirigentes Empresariais INSEAD – *European Institute of Business Administration*

6ª Edição



O Instituto Euvaldo Lodi – IEL traz mais uma oportunidade para você estar sempre à frente do mercado: um curso criado especialmente para dirigentes empresariais brasileiros, ministrado pelo INSEAD, um dos mais conceituados institutos do mundo em ensino de negócios. O curso abrange vários conceitos avançados de gestão, como:

- *Estratégia Corporativa*
- *Marketing e Branding*
- *Liderança: desenvolvimento de habilidades e seu impacto na organização*
- *Inovação e Criação de Valor: abordagem sistemática para tornar a concorrência "irrelevante"*
- *Análise política internacional: perspectivas macroeconômicas e geopolíticas face ao desenvolvimento da economia global*

Educação Executiva IEL – matéria obrigatória no currículo dos grandes executivos.

- **De 28/08 a 02/09/2006 – Fontainebleau – França**
- **Inscrições abertas**
- **Tradução simultânea**

Conheça também os cursos de Educação Executiva do IEL na The Wharton School e nas melhores escolas brasileiras de negócios.

Informações:

Tel. (61) 3317-9432 • Fax (61) 3317-9360

INSEAD

